

## FRONTEIRAS DE IDENTIDADES: A ESCRITA DO EU EM O *DIÁRIO DE ANNE FRANK*

DENISE BORILLE DE ABREU  
*Universidade Federal de Minas Gerais*  
denise.borille@gmail.com

### RESUMO

À luz de estudos da escrita de vida, o gênero do diário pode ser concebido como uma zona fronteira, cujos limites oscilam entre o eu privado e o eu público. Pode-se afirmar que os diários funcionam como locais transformadores, onde opera uma espécie de negociação entre a *persona* pública e os desejos privados de quem os escreve. Este artigo propõe analisar esse fenômeno, de maneira mais específica, na escrita do diário de Anne Frank, utilizando-se de suas três versões (a, b e c).

*PALAVRAS-CHAVE:* escrita de vida, auto ficção, escrita de diários, escrita feminina do trauma de guerra, Anne Frank, holocausto.

### IDENTITY BORDERLANDS: LIFE-WRITING AND ANNE FRANK'S DIARY

### ABSTRACT

According to the perspective of life-writing studies, diaries may be conceived as borderland genres, whose boundaries shift between the private and the public selves. It may be stated that diaries function as transforming locations, where a sort of negotiation is set between the public persona and the private desires of the one who writes. This article aims to analyze such phenomenon, more specifically, in Anne Frank's diary writing, by making use of its three versions (a, b, and c).

*KEYWORDS:* life-writing, autobiographical fiction, diary writing, women writing of war trauma, Anne Frank, holocaust.

## 1. INTRODUÇÃO

Ao analisar a história contemporânea, a crítica Shoshana Felman refere-se à cisão que aflige o sujeito pós-moderno, ao afirmar, em *The Juridical Unconscious: Trials and Traumas in the Twentieth Century* (2002), que trata-se de uma história cristalizada em torno de dois polos: o da justiça e o do trauma (Felman 2002: 3). Por um lado, as leis raramente parecem oferecer algum tipo de direito ou reparação ao sujeito traumatizado. Por outro, é possível observar que proliferam alternativas de arejar a história traumática do sujeito, propiciadas, em grande parte, pelo advento dos estudos de escrita de vida (*life-writing*). O material que compreende a escrita de vida, que por sua vez remonta a escritos da mais remota tradição, pode abranger (mas não se restringe a) relatos em prosa ou em verso (auto)biográficos, ficção (auto)biográfica, ficção de trauma, escrita memorialística, diários, testemunhos, cartas, dentre outros gêneros.

A escrita de vida pode vir a propiciar ao sujeito traumatizado a oportunidade de reconstruir uma história e também a si próprio, agregando certa linearidade a uma história que, devido à intensidade de um encontro com o *Dasein* traumático, não teve início, meio e fim. Sendo assim, não surpreende constatar que o encontro entre a escrita de vida e os estudos de teoria do trauma seja de proveito cada vez maior para entendimento da história contemporânea, sobretudo no que diz respeito à questão da reivindicação pelos direitos humanos. Um exemplo em que a relação entre a escrita de vida e os direitos humanos ganha laços mais estreitos é a obra de referência *We Shall Bear Witness: Life Narratives and Human Rights* (2014), co-autorada pelas renomadas críticas Margaretta Jolly e Meg Jensen.

De fato, Jensen acredita que a escrita de autoficção seja terapêutica à medida que propicia àquele que escreve a reescrita de si mesmo: “Writers of post-traumatic autobiographical fiction, I suggest, use this form not only to confront and rewrite the incidents that inscribed their sense of difference but to also, in effect, rewrite themselves”<sup>1</sup> (JENSEN 2014: 7). Entretanto, cumpre lembrar que o sujeito que narra apresenta-se como cindido, a saber, entre o eu que narra e o eu que é narrado. Tal característica foi previamente apontada e estudada por Max Saunders, em *Self-Impression: Life-Writing, Autobiografiction, and the Forms of Modern Literature* (2010). Ele explica que:

This splitting of selves is itself well established in autobiography theory, and we have seen a special case of it in autobiografiction. It is seen as inherent in the structure of autobiographical narrative, if only because of the different phases of the self involved. Because of the retrospective nature of the form, the ‘I’ that is narrating is other than the ‘I’ that is narrated.<sup>2</sup> (2010: 512).

Para Saunders, o eu da escrita possui diferentes nuances, muitas vezes imperceptíveis à maioria dos leitores. Isso se dá, em parte, porque o eu das narrativas de vida é encenado. Ao definir como se dá o processo identitário da escrita de (auto) ficção biográfica, Saunders concebe a escrita como um tipo de *performance*. Ele afirma: “writers are consciously and deliberately shifting into the shapes of other subjectivities, and thus revealing the performance involved in the achievement of any subjectivity”<sup>3</sup> (2010: 528). De maneira encenada, tem-

---

<sup>1</sup> “Sugiro que os escritores de ficção pós-traumática usem essa forma não apenas para confrontar e reescrever os incidentes que lhes inscreveram um senso de diferença, mas também, com efeito, para reescreverem a si mesmos.” (Jensen, 2014: 7, tradução minha)

<sup>2</sup> “A divisão do eu já é bastante conhecida na teoria das autobiografias. Vemos um caso especial acontecer na auto ficção. Tal cisão é vista como inerente à estrutura das narrativas autobiográficas, tão somente por causa das fases diferentes do eu em questão. Devido à natureza retrospectiva da forma, o eu que narra é diferente do eu que é narrado.” (Saunders, 2010: 512, tradução minha)

<sup>3</sup> “Os escritores de (auto) ficção biográfica assumem, de maneira consciente e proposital, os formatos de outras subjetividades e, com isso, revelam a *performance* necessária para se atingir qualquer subjetividade.” (2010: 528, tradução minha).

se, nas narrativas de vida, um eu que ora mascara e ora desmascara; um eu que joga com diferentes papéis e faces. Um eu que está continuamente tecendo-se e destecendo-se (2010: 32).

Em concordância com a teoria do eu dividido de Saunders, Meg Jensen, em seu artigo “The Writer’s Diary as Borderland: The Public and Private Selves of Virginia Woolf, Katherine Mansfield, and Louisa May Alcott” (2012), concebe o gênero do diário, mais especificamente, como uma zona fronteiriça, cujos limites oscilam entre o eu privado e o eu público. Os diários funcionariam como locais transformadores, onde opera uma espécie de negociação entre a *persona* pública e os desejos privados de quem os escreve.

Com efeito, a escrita de vida, que encontra em Saunders um de seus principais expoentes, parece tratar de forma pormenorizada a divisão e, por conseguinte, as diferentes facetas do eu da escrita. Isso ocorre porque a escrita de vida tem como alicerce a dimensão identitária do sujeito que narra. Através desse tipo de escrita é possível restabelecer uma nova identidade e resgatar o senso de agente para o sujeito traumatizado. Pode-se pensar que as narrativas de vida parecem preencher uma lacuna onde a justiça falhou em cumprir com direitos humanos; vindo em auxílio, e até mesmo servindo como um benefício terapêutico (Eakin 2008; Hunt 2010), daqueles que trazem consigo uma “estória impossível”.

## 2. OS DIÁRIOS DE ANNE FRANK

Anneliese Marie Frank havia completado treze anos, em 12 de junho de 1942, quando ganhou, de presente do seu pai, um caderno similar a um álbum de autógrafos. De forma quadrada e capa de padrão xadrez branco e vermelho, ele viria a ser usado como seu diário. A primeira entrada foi registrada nessa mesma data significativa, tão logo o presente de aniversário chegou às suas mãos.

Nascida em Frankfurt (12/06/1929), Anne Frank e sua família refugiaram-se em Amsterdam em março de 1934, com o intuito de escapar da perseguição nazista. Na Holanda, a última residência da família Frank seria num anexo secreto (*het achterhuis*, em holandês). Embora fosse falante nativa de alemão, Anne foi alfabetizada em holandês, idioma que escolheria para escrever em seu diário.

A maneira como a maioria das entradas do diário eram iniciadas (*Lieve Kitty/ Liefste Kitty*, em holandês; “Querida Kitty” / “Caríssima Kitty”, em português), com referência à interlocutora imaginária que viria a fazer-lhe companhia nos dias longos e tortuosos de sua reclusão, é tão significativa quanto a forma como Anne concluía as entradas e despedia-se de sua interlocutora (*Je Anne – Sua Anne*). O recurso linguístico de despedir-se através

do pronome<sup>4</sup> (*Je*, em holandês; “Sua”, em português), também utilizado em outros idiomas, trata de uma forma reduzida das expressões originais “Eu sou sua humilde serva” ou, simplesmente, “Eu sou sua”. Essas valedicções, ou expressões de despedida, denotam uso informal e aparecem, frequentemente, na escrita de diários, tendo sido simplificadas ao longo dos séculos. Pode-se observar que, em termos de construção sintática, na forma simplificada, o locutor opta por manter o objeto (“sua”) e ocultar o sujeito (“Eu”), bem como o verbo (“sou”).

A particularidade dessa expressão linguística pode instigar o leitor a pensar onde está localizado o sujeito da enunciação: quem é esse “eu”, o sujeito da enunciação, que denomina-se como “pertencente” a outro? Segundo a teoria de enunciação de Émile Benveniste, todas as línguas fazem uso de pronomes pessoais, uma vez que não se pode conceber uma língua sem expressão da pessoa. A partir desse pressuposto, ele elabora sua teoria sobre a enunciação, segundo a qual o discurso será sempre marcado por um *eu*, projetando ou buscando um *tu*, para estabelecer mais que diálogos, identidades. Ele afirma:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocução daquele que por sua vez se designa por *eu*. (Benveniste 2005: 286)

No âmbito linguístico da teoria da enunciação de Émile Benveniste (2005), já é possível observar os desdobramentos dos vários *eus* e *tus* do discurso. Em seu artigo “Leitura literária: enunciação e encenação”, as autoras Ivete Walty e Graça Paulino (2005) advertem, em primeiro plano, para a (co) existência de vários tipos de discurso. Elas explicam:

Um desses discursos é o que se chama literário. A enunciação, nesse caso, desdobra-se em uma pluralidade de *eus* e *tus*, que se relacionam numa cadeia enunciativa assumidamente representada. Nesse sentido, poderíamos afirmar que a enunciação na literatura encena o próprio jogo da linguagem. Estabelece-se não apenas uma relação entre interlocutores reais como também entre interlocutores ficcionais, mesmo que se trate de um poema lírico em que parece haver apenas um sujeito poético. (Walty; Paulino 2005: 140)

Vale ressaltar como as autoras aproximam os discursos linguísticos e literários, privilegiando o segundo, que prima por ser uma linguagem tipicamente performática, encenada. É igualmente interessante observar como o discurso literário ganha amplitude ao assumir a existência de interlocutores ficcionais, somada a interlocutores reais.

---

<sup>4</sup> De fato, nas línguas germânicas, o holandês tem uma posição especial no sentido de que algumas formas pronominais podem ser usadas em várias funções sintáticas. O contexto, portanto, é que determina o valor de cada forma. Esse é o caso de *je*, que é tanto pronome pessoal de caso reto como oblíquo, podendo figurar mesmo como adjetivo possessivo.

Ainda, segundo as mesmas autoras, a enunciação ficcional, própria do domínio discursivo ficcional literário, não só é capaz de se relacionar com outros domínios discursivos, mas também de assimilá-los (Walty; Paulino 2005: 142). Cumpre observar, aqui, como as premissas teóricas apresentadas por Benveniste e Walty & Paulino vêm ao encontro dos conceitos de “eu dividido” (Saunders 2010); “eu público X eu privado” (Jensen 2012) e *performance* (Butler 2010; Saunders 2010), expostos na introdução do presente artigo.

Com efeito, pode-se pensar que Anne Frank tenha sido uma referência inaugural para outras autoras jovens, contemporâneas, que buscam denunciar as atrocidades de guerra em seus diários. Como exemplos mais recentes, pode-se listar o diário que Zlata Filipovic escreveu sobre a Guerra da Bósnia, mais especificamente os conflitos ocorridos na cidade de Sarajevo, quando tinha apenas onze anos de idade; e, por último, os escritos de Farah Baker, uma adolescente palestina que descreve eventos diários na Faixa de Gaza em suas postagens autobiográficas na rede social *Twitter*.

Os escritos de Anne Frank despertam ainda maior curiosidade quando se entende a história não de um, mas dos vários escritos que compuseram a obra que hoje intitula-se *O Diário de Anne Frank*. A crítica especializada em narrativas de vida entende o presente do décimo-terceiro aniversário de Anneliese como o Diário 1, cuja escrita abrange o período de 12 de junho a 5 de dezembro de 1942. Um ano se passou até que a jovem retomasse sua escrita íntima através de um caderno escolar. Os escritos desse caderno, conhecido como Diário 2, estendem-se de 22 de dezembro de 1943 a 17 de abril de 1944. Outro caderno, o Diário 3, viria a ser escrito de 17 de abril de 1944 até 1º de agosto de 1944, data da última entrada escrita por Anne Frank, antes da captura da família Frank, pelas autoridades nazistas e seus colaboradores holandeses.

Esses três diários compõem o que se denomina “versão a”, ou primeira versão do diário de Anne Frank. Uma segunda versão, ou “versão b” foi reescrita por ela em folhas avulsas. Nelas foram feitas alterações, combinações de entradas de datas diversas, abreviaturas e, até mesmo, mudanças de nomes. As duas versões, por sua vez, foram expandidas numa “versão c”, final, intitulada *Het Achterhuis* (*O Anexo Secreto*) que Anne Frank tencionava submeter para publicação pelo *Netherlands Institute for War Documentation*. Segue um diagrama com o esquema das versões sucessivas dos diários de Anne Frank:

1942 <i>Het Achterhuis</i>	1943 X	1944 X	versão c X
folhas avulsas	X	X	versão b
Diário 1		Diário 2	Diário 3
12/06/1942 – 05/12/1942		22/12/1943 – 29/03/1944	17/04/1944 – 01/08/1944

Após a apreensão dos Frank pela *Grüne Polizei*, Miep Gies, uma amiga da família, encontrou os diários e as folhas avulsas escritas por Anne Frank,

revirados e espalhados no chão do anexo secreto por oficiais da *Gestapo*, e guardou-os consigo. Quando o pai de Anne, Otto Frank, único membro sobrevivente da família, retornou de Auschwitz, Miep entregou-lhe os escritos de sua filha. Depois de ler as diferentes versões dos diários, Otto produziu um manuscrito datilografado, que ficou conhecido como Manuscrito Datilografado 1. Tratava-se de uma compilação dos escritos existentes de Anne, na qual ele empenhou-se para preservar “a essência” daquilo que a filha escrevera. Em seguida, Otto entregou o Manuscrito Datilografado 1 a seu amigo Albert Cauvern, pedindo-lhe que revisasse erros gramaticais e eliminasse possíveis “germanismos” do texto em holandês. A versão editada por Cauvern é nomeada Manuscrito Datilografado 2.

Em 1947, a editora holandesa Contact concorda em publicar *Het Achterhuis* a partir do Manuscrito Datilografado 2, que lhe fora enviado por Otto. Entretanto, o diretor da editora, G. P. de Neve, conhecido por ser um católico fervoroso, julgou certas passagens do texto como inapropriadas e até mesmo indecorosas. Ele estava referindo-se, mais especificamente, aos trechos onde Anne criticava diretamente sua mãe e às passagens onde ela descrevia detalhes de seu desenvolvimento sexual, como, por exemplo, seus ciclos menstruais e as cenas protagonizadas com sua amiga Jacke, carregadas de homo-erotismo. Otto Frank concordou com os cortes propostos por de Neve, como condição para publicação.

Assim, a edição holandesa de *Het Achterhuis* (1947) sofreu a eliminação das passagens que de Neve julgava impróprias, sendo seguida de uma primeira versão francesa, *Le Journal d'Anne Frank* (1950). É curioso observar que as versões para o alemão, *Das Tagebuch der Anne Frank* (1950), e para o inglês, *The Diary of Anne Frank* (1952), não foram originadas da versão holandesa censurada por de Neve, mas, sim, diretamente do Manuscrito Datilografado 2. Sendo que a versão alemã de 1950 foi decididamente a mais “fiel” ao Manuscrito Datilografado 2 pois, na versão inglesa de 1952, foram igualmente incorporados alguns materiais de *Het Achterhuis*.

Para propósitos de leitura e análise comparativa dos materiais diversos que formam os diários de Anne Frank, este artigo faz uso da edição crítica e revista de *The Diary of Anne Frank: The Revised Critical Edition* (2003), traduzida do holandês para o inglês por Arnold J. Pomerans e B.M. Mooyaart e organizada por The Netherlands Institute for War Documentation. Além de prefácio, artigos introdutórios e comentários diversos, essa edição especial inclui as três versões existentes dos diários (a, b e c, incluindo páginas que só vieram a público em 1998), os originais sem corte de *Het Achterhuis* (*Tales from the Secret Annex*) e *Cady's Life*, versão inglesa de um romance inacabado de Anne Frank.

Muito significativa para o propósito deste artigo é a passagem que pode ser encontrada na última entrada dos diários de Anne Frank, datada de 1º de agosto de 1944. Ela elucida como a autora, na fase mais madura de sua vida e

de sua escrita, vê a si mesma como bipartida, fragmentada. A passagem é iniciada com Anne fazendo alusão à sua reputação de ser “a little bundle of contradictions” (“uma pequena pilha de contradições”, em português). A versão a registra que:

I have already told you (said) before that I have, as it were, a dual personality. One half embodies my exuberant cheerfulness, making fun of everything, vivacity, and above all the way I take everything lightly. This includes not minding flirtation, a kiss, an embrace, a dirty joke. This side is usually lying in wait and pushes away the other, which is much better, deeper and purer. You must realize that no one knows Anne's better side that's why most people find me so insufferable. (Barnouw et al 2003: 719)

A versão b não foi escrita para essa entrada específica. A versão c, por sua vez, propõe poucas alterações, conforme o trecho a seguir:

I've already told you before that I have, as it were, a dual personality. One half embodies my exuberant cheerfulness, making fun of everything, my high-spiritedness, and above all, the way I take everything lightly. This includes not taking offense at a flirtation, a kiss, an embrace, a dirty joke. This side is usually lying in wait and pushes away the other, which is much better, deeper and purer. You must realize that no one knows Anne's better side and that's why most people find me so insufferable. (Barnouw et al 2003: 719)

As passagens chamam a atenção do leitor para uma Anne bipartida: primeiramente, a Anne que consegue manter-se alegre e espirituosa, não obstante a perseguição nazista, a condição de cativo e a proximidade da morte em um campo de concentração. E que, a despeito disso tudo, ainda continua a acreditar no afeto. E que, talvez, tenha nisso esse lado que a tornou tão popular entre os leitores, pela maneira supostamente graciosa como sobreviveu a uma condição tão cruel e desumana. Esse pode ser entendido como seu lado público, aquele que é encenado para o mundo externo. Entretanto, uma leitura cuidadosa da sua escrita aponta para um segundo lado, mais privado e, portanto, menos nítido, de sua personalidade. Pode-se notar que as duas últimas frases do trecho, onde Anne descreve o seu melhor lado (mais profundo e puro) e declara que ninguém o conhece, não sofreu nenhuma alteração entre as versões a e c.

Três dias após Anne registrar essa entrada, os ocupantes do anexo secreto foram presos e enviados para campos de concentração na Alemanha e na Holanda. Mas uma leitura cuidadosa das três versões do diário de Anne Frank pode acrescentar uma compreensão de um lado (menos óbvio e profundamente intrigante) da personalidade da menina escritora que marcou a escrita feminina de guerra do século XX. Um lado ainda melhor de sua identidade, um outro “eu” que se projeta na direção do outro (leitor), tecido nas entrelinhas de sua escrita, pode ser descoberto através de uma leitura que busque ultrapassar as fronteiras de seus diários.

## BIBLIOGRAFIA

- BARNOUW, D., PAAPE, H., VAN DER STROOM, G. (2003), *The Diary of Anne Frank: The Revised Critical Edition prepared by The Netherlands Institute for War Documentation*, New York, Doubleday/ Random House.
- BENVENISTE, É. (2005), *Problemas de linguística geral I*, Campinas, Pontes Editores.
- BENVENISTE, É. (1989), *Problemas de linguística geral II*, Campinas, Pontes Editores.
- EAKIN, P. J. (2008), *Living Autobiographically: How We Create identity in Narrative*, Ithaca, Cornell University Press.
- FELMAN, S., LAUB, D. (1992), *Testimony: Crises of Witnessing In Literature, Psychoanalysis, and History*, London, Routledge.
- FELMAN, S. (2002), *The Juridical Unconscious: Trials and Traumas in the Twentieth Century*, Cambridge, Harvard University Press.
- FILIPOVIC, Z. (1994), *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*, São Paulo, Companhia das Letras.
- FILIPOVIC, Z. (2008), *Vozes roubadas: diários de guerra*, São Paulo, Companhia das Letras.
- GIES, M., GOLD, A. (1987), *Anne Frank Remembered: The Story of the Woman Who Helped to Hide the Frank Family*, New York, Simon & Schuster.
- HUNT, C. (2010), "Therapeutic Effects of Writing Fictional Autobiography", *Life Writing*, 7, 231-244.
- JENSEN, M. (2011), "Getting to Know Me in Theory and Practice: Negotiated Truth and Mourning in Autobiographically Based Fiction", *Literature Compass*, 941-950.
- JENSEN, M. (2009), *Life Writing: The Spirit of the Age and the State of the Art*, Newcastle-Upon-Tyne, Cambridge Scholars Publishing.
- JENSEN, M. (2013), "Post-traumatic Memory Projects: Autobiographical Fiction and Counter-Monuments", *Textual Practice*, 701-725.
- JENSEN, M. (2015), "The legible face of human rights in autobiographical fiction" en *The Routledge Companion to Literature and Human Rights*, 185-193.
- JENSEN, M. (2012), "The Writer's Diary as Borderland: The Public and Private Selves of Virginia Woolf, Katherine Mansfield, and Louisa May Alcott", *Life Writing*, 315-325.
- JENSEN, M. (2014), "Why Write Sad Stories? Post-traumatic Writers and the Problems of Representational Modes of Narration in Autobiographical Fiction", *Journal of Literature and Trauma Studies*, 2-37.
- JOLLY, M., JENSEN, M. (2014), *We Shall Bear Witness: Life Narratives and Human Rights*, Madison, University of Wisconsin Press.
- JOLLY, M. (2001), *Encyclopedia of Life Writing: Autobiographical and Biographical Forms*, London, Fitzroy Dearborn.
- SAUNDERS, M. (2010), *Self Impression: Life-Writing, Autobiografiction, and the Forms of Modern Literature*, Oxford, Oxford University Press.
- WALTY, I., PAULINO, G. (2005), "Leitura literária: enunciação e encenação", *Ensaio sobre leitura*, 138-154.